

Vocês, pais, conversam com seus filhos?

O presente artigo tem como propósito fazer com que pais repensem como a comunicação com seus filhos vem sendo efetiva, sobretudo quando estes são vítimas de crimes.

Aprofundando os estudos em Criminologia, deparamo-nos com a série “Investigação Criminal” (2012), promovida originariamente pela emissora A&E, que certamente enriqueceria os estudos na matéria. Essa série conta a história dos casos criminais de maior repercussão no país. Assim, as histórias inspiradoras deste artigo foram: Irmãs Yoshifusa (Terceira temporada, Episódio três); Bianca Consoli (Segunda temporada, Episódio um); Liana Friedenbach (Segunda temporada, Episódio quatro), Mércia Nakashima (Primeira temporada, Episódio três), e Eugênio Chipkevitch (Segunda temporada, Episódio três).

Os casos citados acima mostram um comportamento em comum, como por exemplo “filha sai escondido com namorado e depois é morta”, “filha não tem coragem de falar pra mãe sobre assédio cometido pelo cunhado”, “filha não fala aos pais sobre assédio que sofreu de ex-namorado”, “filho denuncia estupro, mas não é ouvido pelos pais”, e outros mais.

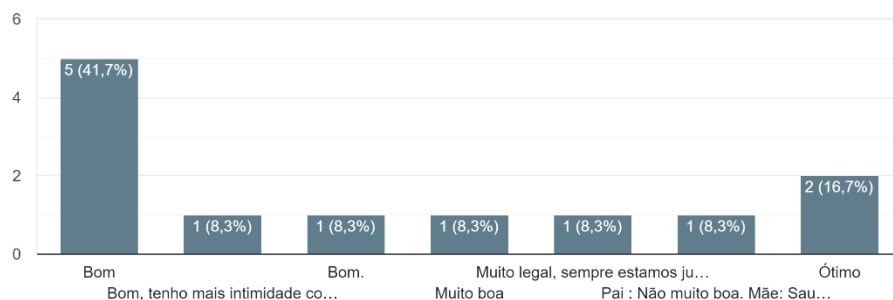
Todos esses casos assemelham-se a falta ou falha de comunicação entre pais e filhos, o que gerou a indagação, objeto do presente artigo: até que ponto a comunicação poderia ter salvo a vida dessas vítimas? Até onde os filhos se sentem à vontade para conversar sobre determinadas situações delicadas com seus pais? Até onde os pais estão efetivamente ouvindo seus filhos?

Diante disto, realizamos uma breve pesquisa com 12 adolescentes, com faixa etária entre 12 a 17 anos, sobre o relacionamento familiar e escuta ativa, cujo resultado passamos a discutir.

A primeira pergunta realizada foi: “Como é seu relacionamento com seus pais?”. Dos doze pesquisados, todos informaram que têm um relacionamento bom com seus pais. No entanto, um dos entrevistados possui ressalvas quanto a um relacionamento saudável com o pai. Além disso, dois têm mais intimidade com a mãe do que com o pai.

Como é seu relacionamento com seus pais?

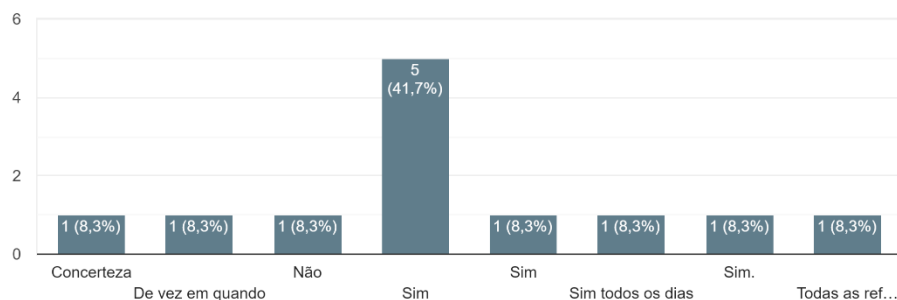
12 respostas



A segunda pergunta foi: “Vocês fazem ao menos uma refeição juntos?”. Assim, dos doze participantes, apenas um não faz a refeição com seus pais, bem como que apenas um faz a refeição com seus pais esporadicamente.

Vocês fazem ao menos uma refeição junto?

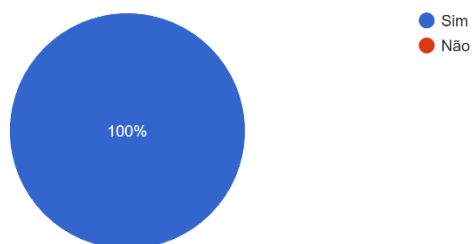
12 respostas



Ato contínuo, 100% dos entrevistados responderam que têm o costume de conversar com seus pais.

Vocês têm o costume de conversar?

12 respostas



Ademais, ao serem questionados se possuíam um diálogo aberto ou restrito, foi possível perceber que houve uma divisão nas respostas. Seis participantes informaram ter um diálogo aberto com os pais; quatro participantes têm alguma restrição; um entrevistado possui diálogo só com a mãe; e um não se sente confortável em dialogar com os pais.

Se sim, vocês têm um diálogo aberto ou restrito?

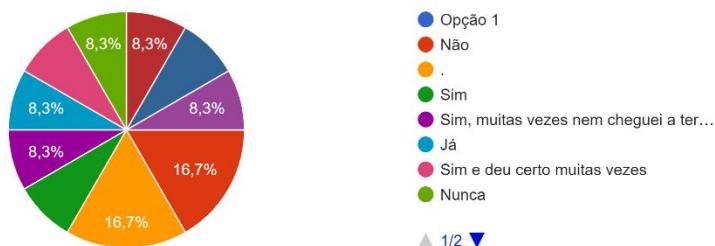
12 respostas



De mais a mais, foi realizada a seguinte pergunta: “Vocês já tentaram dialogar? Alguma vez não deu certo?”. Dos doze participantes, quatro não tentaram um diálogo; dois já tentaram dialogar, mas não obtiveram êxito, uma vez que foram tentativas frustradas; dois tentaram diálogo e obtiveram êxito; e, por fim, dois não souberam opinar.

Se não, vocês já tentaram dialogar? Em alguma vez não deu certo?

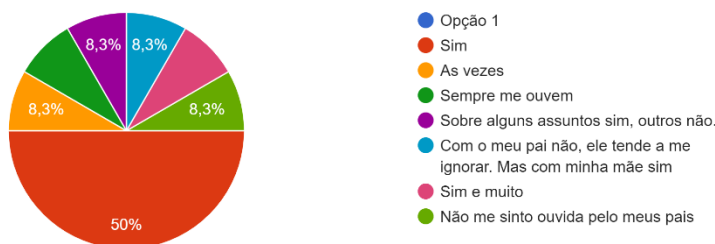
12 respostas



Assim, foi-lhes perguntado: “Quando vocês conversam, você sente que estão te ouvindo e compartilhando dessa conexão com vocês?”. Neste questionário a divisão permaneceu entre os participantes. Nele, oito participantes afirmaram que se sentem ouvidos pelos pais; um, nem sempre; um, somente dependendo do assunto; um, apenas pela mãe; e, por fim, um se sente completamente ignorado.

Quando vocês conversam, você sente que estão te ouvindo e compartilhando dessa conexão com vocês?

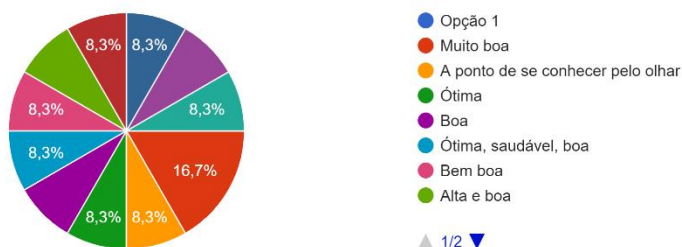
12 respostas



Continuando, questionados acerca do nível de afinidade com a mãe, todos responderam que possuem ótima relação com ela, ficando bem clara a afinidade entre mães e filhos.

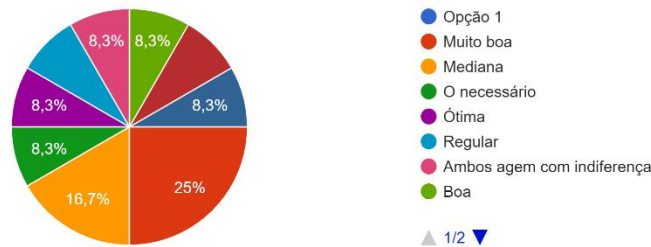
Qual sua afinidade com sua mãe?

12 respostas



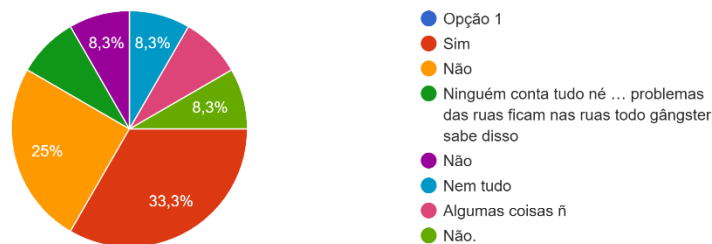
Ademais, perguntados acerca da afinidade com o pai, dos doze participantes, três responderam entre muito boa, ótima e boa, ao passo que os demais entrevistados indicaram afinidade regular ou indiferente.

Qual sua afinidade com seu pai?
12 respostas



A décima primeira pergunta foi: “Você sente que pode contar tudo o que sente?”. Nesta pergunta ficou nítido como o diálogo é falho, pois apenas quatro participantes relatam ter um elo com seus pais a ponto de dividir todos os sentimentos, ao passo que os demais não contariam tudo ou não contariam nada.

Você sente que pode contar tudo o que sente?
12 respostas



Seguindo, foi-lhes questionado: “Numa escala de 0 à 10, você falaria ao seu pai ou sua mãe sobre sua vida amorosa? Por quê?”. Sete dos pesquisados conversariam com seus pais sobre sua vida amorosa; e três não falariam. Desses três, um não falaria por conta de sua orientação sexual. Ainda, um conversaria apenas com a mãe; e, por fim, um não sente o apoio dos pais em alguns momentos.

Numa escala de 0 à 10, você falaria ao seu pai ou sua mãe sobre sua vida amorosa? Por quê?

12 respostas



A pergunta número treze foi a seguinte: “Numa escala de 0 à 10, você mentiria para seu pai ou sua mãe sobre sua vida amorosa? Por quê?”. Dos doze entrevistados, sete não mentiriam sobre sua vida amorosa e cinco mentiriam ou esconderiam algo de alguma forma. Entre as justificativas de quem respondeu que mentiria estão a falta de apoio dos pais e eventuais problemáticas que seriam levantadas com a vida amorosa do entrevistado.

Numa escala de 0 à 10, você mentiria para seu pai ou sua mãe sobre sua vida amorosa? Por quê?

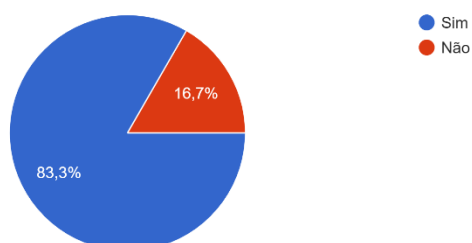
12 respostas



Continuando, foi-lhes perguntado: “Se você fosse vítima de abuso sexual, contaria aos seus pais?”. Infelizmente, dois participantes não contariam aos seus pais se sofressem abuso sexual, enquanto que dez contariam.

Se você fosse vítima de abuso sexual, contaria aos seus pais?

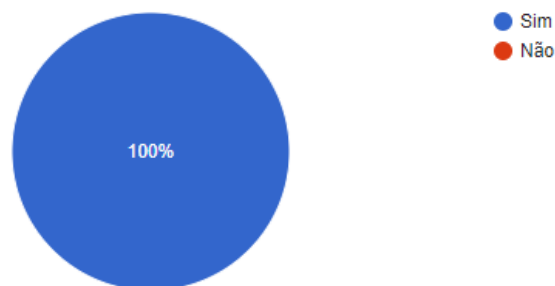
12 respostas



Perguntados sobre se os pais acreditariam neles, todos os doze responderam que sim.

Eles acreditariam em você?

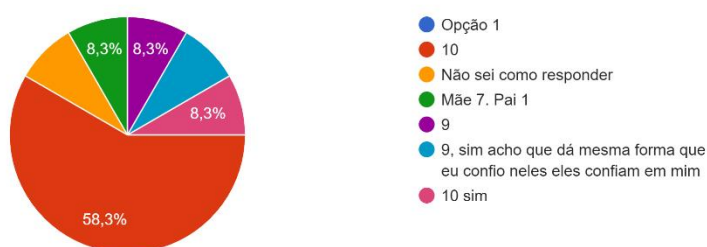
12 respostas



Por fim, a pergunta final discorreu sobre o quanto os participantes confiam em seus pais e se são retribuídos. Assim, dos doze participantes, dez sentem a confiança retribuída pelos pais; um sente pouca confiança retribuída pela mãe, mas não do pai; e um não soube responder.

Numa escala de 0 à 10, o quanto você confia em seus pais, e sente a confiança retribuída?

12 respostas



Veja, a partir do momento em que o filho cogita a hipótese de mentir ou esconder algo de seus pais, já mostra uma certa preocupação em não ser ouvido, mal interpretado, julgado ou, de alguma forma, silenciado. Quando o diálogo é falho, abre-se uma brecha para um determinado comportamento, que poderia ter sido evitado com a comunicação.

Os laços entre pais e filhos na fase da adolescência é primordial para que o desenvolvimento da criança, que passará a ser adolescente, e do adolescente, que passará à vida adulta, seja efetivado de maneira pacífica e transparente. Se há diálogo, qualquer fato criminoso ocorrido facilita o cuidado. Além disso, a recuperação da vítima se torna mais calma, trazendo mais resultados positivos na recuperação. Quando não há diálogo, desenvolve-se uma dependência de aceitação, negativa de personalidade e falha de confiança em si próprio.

Olhemos o caso do Eugênio Chipkevitch (médico russo que aplicava diagnósticos errôneos aos pacientes de faixa etária de dez a quatorze anos do sexo masculino, na intenção de consumir o abuso sexual), em que uma das vítimas relatou, com detalhes, à mãe sobre o abuso sofrido pelo médico. Ou

seja, a criança, vítima, levou a situação a quem poderia defendê-la, contudo, a mãe não escutou e não acreditou no próprio filho.

Da mesma forma que essa criança informou o ocorrido à mãe e foi desacreditado, imagine quantas estão na mesma situação que ele e se sentem silenciadas quando tentaram denunciar o abusador.

No caso Liana Friedenbach, o pai acreditava que havia um relacionamento saudável com uma boa escuta ativa e uma certa troca entre eles, a ponto de acreditar que a adolescente nunca esconderia nada dele, mas aí entra um questionamento: se havia essa conexão, por qual motivo a filha sentiu a necessidade de mentir sobre a viagem?

Na entrevista dada pelo pai, fica explícito o excesso de controle emocional que ele impunha sobre a adolescente, que por diversas vezes era questionada sobre um possível relacionamento, que estava no início, mas Liana não se sentia à vontade em se abrir com o pai.

Entende-se que a abordagem utilizada pelo pai fez com que ela acreditasse que esconder ou omitir determinados detalhes sobre a tal relação diminuiria os questionamentos feitos por ele. Nesse sentido, vê-se que a abordagem na conversa com os filhos precisa ser feita de forma tranquila e branda, de forma que o jovem se sinta acolhido. Conseqüentemente, o filho, sentindo-se ouvido, abrirá, de forma espontânea, suas ideias, pensamentos, e sentimentos, a ponto de pedir conselhos e ajuda quando necessário.

No caso da Bianca Consoli, por diversas vezes, a adolescente tentou alertar indiretamente a mãe sobre a índole do cunhado, mas não se sentia segura em contar diretamente dos assédios sofridos, a ponto de pedir à sua amiga que mentisse e escondesse o ocorrido. Tal medo decorreria do sentimento de rejeição e negativa da irmã e da mãe ao receberem eventual denúncia. Isso porque mesmo após o indiciamento de Saulo, a irmã da vítima ainda acreditava em sua inocência. Veja que neste caso a confiança era limitada, sendo que a abordagem tentada pela Bianca era indireta, por receio, medo de represálias e reduzida ao ponto de não se sentir confortável em expor o abuso à sua mãe e em contrapartida, sua mãe não entendeu as indiretas do pedido de socorro da filha.

Quanto às irmãs Yoshifusa, o pai delegou a segurança de suas filhas a um terceiro, e elas foram assassinadas por este. A desconfiança e o excesso de zelo é implícito neste caso, veja que pela cabeça do pai, suas filhas, já adolescentes à época, ficariam melhor sendo vigiadas por um terceiro do que sozinhas. Percebemos que a imputação do cuidado, na visão do pai, seria mais confiável a alguém de fora, do que simplesmente às vítimas.

Na visão do pai poderia ser um cuidado reforçado para suas filhas, mas para quem possui um “olhar de fora” e direciona uma maior atenção, pensa que quando há confiança, não se faz necessário o cuidado de outrem, principalmente a duas adolescentes que não apresentavam nenhum perigo, doença ou mal estar aparente. Segue-se a linha de raciocínio em que, se o pai confia nos seus filhos, não precisa de um terceiro olhar.

De acordo com a pesquisa realizada e já exposta, percebe-se que a falha na comunicação entre pais e filhos começa na pré-adolescência, momento em que se inicia a fase de crescimento e transição da infância para a adolescência. É neste momento que se cria uma barreira na escuta ativa de ambos.

Por conta da ausência de comunicação, cria-se um bloqueio no adolescente, fazendo com que ele se sinta excluído, silenciado, desamparado, sem confiança para se abrir de alguma forma com seus pais. E em contrapartida, a superproteção faz com que o adolescente se sinta sufocado, sem

autonomia e direito de escolhas. Por conta disso, acabam se calando e propiciando doenças como ansiedade, depressão e problemas emocionais.

A relação dos crimes com as pesquisas deste artigo mostra que pela má comunicação com os pais, bem como a superproteção deles, faz com que o adolescente minta, esconda informações relevantes, e se sinta subestimado pelo alto zelo e falta de confiança.

Conclui-se que se os pais têm um bom relacionamento, diálogo e escuta ativa com os seus filhos, principalmente nesta fase tão importante que é a passagem da infância para a adolescência, previne-se fatalidades como as que assistimos diariamente em reportagens e jornais.